

Questão	Gabarito por extenso	Justificativa	Conclusão (Deferido ou Indeferido)	Resposta Alterada para:
26	O ódio do Úrano, sendo escondidos nos recessos de Gaia.	Sem dúvida, o conhecimento da mitologia grega possui relevante importância para a área da filosofia antiga. Ainda assim, podemos entender que este não é um assunto específico a ser tratado como conteúdo do ensino médio. No entanto, a prática nos mostra ser o tema bastante relevante, haja visto que faz uma ponte entre o contexto do surgimento da filosofia, com diversas obras culturais famosas, voltadas para os adolescente, como os filmes “Fúria de Titãs” e a sequência de “Percy Jackson”. Mesmo que não seja um conteúdo específico do ensino médio, o conhecimento acerca da mitologia grega, e da própria noção de <i>mythos</i> (a palavra humana), é fundamental para todos que possuem uma formação em filosofia, principalmente àqueles que pretendem atuar no ensino médio. A banca, sensível à argumentação dos recursos, deferiu à questão por entender que o trecho destacado não explicita a resposta correta, sendo de fato necessário o conhecimento da obra em questão para o acerto.	DEFERIDO	ANULADA
28	thauma	O tema é bem conhecido, a questão, inédita. É notório que a disposição afetiva que dá origem ao filosofar é o <i>thauma</i> (o espanto), pois nos espantando com as coisas, tendemos à buscar explicações. A opção <i>epoché</i> se refere à suspensão do juízo, estratégia cética para se orientar na vida, e não o início, a origem do filosofar. A opção <i>sofrosine</i> , que representa a temperança, seria para Platão, o estado, a melhor postura de um homem sábio, e de modo algum está ligada já ao despertar da filosofia em cada um, pelo contrário, a <i>sofrosine</i> representa já um estado de maturidade filosófica. A opção <i>ataraxia</i> , que representa a serenidade, a tranquilidade da alma, é considerada uma virtude do homem sábio, de modo que não aponta para a disposição afetiva que nos impulsiona ao filosofar. Por fim, a opção <i>eudaimonia</i> , que é a felicidade, representa o fim mesmo de uma vida filosófica, e não o seu início. “A aceitação destas e de muitas outras proposições gera conflitos (155b), que só a paciência e o auto-exame das aparências “em nós” - em contraste com a prática sofística (154d-e) - podem superar (155a), constituindo o <i>espanto</i> [thauma] como o motor da filosofia (15 5 d).” (E. A. Duke – Introdução. In: PLATÃO, Teeteto, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2010)	INDEFERIDO	-

		<p>“[d] S. — Efectivamente, meu amigo, Teodoro parece não ter adivinhado mal a tua natureza. Pois o que estás a passar, o <i>maravilhares-te</i> [thauma], é mais de um filósofo. De facto, não há outro princípio da filosofia que não este, e parece que aquele que disse que Íris é filha de Taumanto não fez mal a genealogia. Mas compreendes já que estas coisas são assim, de acordo com o que afirmamos que Protágoras dizia, ou não?” (PLATÃO, Teeteto, 155d)</p>		
29	o critério da verdade. Por isso, o que acontece de universal a todos é digno de confiança, e o que diz respeito a um indivíduo singular é, por raciocínio inverso, não confiável.	<p>Os fragmentos de Heráclito são constitucionais para a filosofia, pois sua oposição à Parmênides acerca do ser reverbera por toda história da filosofia ocidental. Para Heráclito, a noção de logos é fundamental, o logos é universal, representando assim a possibilidade do homem compreender a natureza das coisas. Dessa forma, a resposta correta é “o critério da verdade. Por isso, o que acontece de universal a todos é digno de confiança, e o que diz respeito a um indivíduo singular é, por raciocínio inverso, não confiável.”</p> <p>A opção “aquilo que promove a justiça...” aponta para uma interpretação valorativa do logos, coisa que não há em sua obra. A opção “o bom e o belo em si mesmo” aponta para uma interpretação da noção de bem em Platão, e não à noção de logos em Heráclito. A opção “o destino particular de cada ser vivo” passa uma ideia de determinismo que está associada aos estoicos e não à filosofia heraclítica. Por fim, a opção “uma exclusividade do ser humano” também não representa o pensamento heraclítico, que acredita ser o logos aquilo que perpassa toda à realidade, e não só os homens.</p> <p>“A noção de Logos desempenha um papel central em seu pensamento, como princípio unificador do real e elemento básico da racionalidade do cosmo.” (MARCONDES, 2007, p. 35)</p> <p>“Esse logos universal e divino, do qual participamos e pelo qual nos tornamos seres dotados de logos, é o critério da verdade, segundo Heráclito. Por isso, o que acontece de universal a todos é digno de confiança (uma vez apreendido pelo logos universal e divino), e o que é diz respeito a um indivíduo singular é, por raciocínio inverso, não confiável” Sexto Empírico, <i>Contra os matemáticos</i>, VII, 132-133 (HERÁCLITO. Heráclito: fragmentos contextualizados / Heráclito de Éfeso; tradução, apresentação e comentários Alexandre Costa. 1ª ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2012., p. 39)</p>	INDEFERIDO	-
34	À produção de imagens	<p>A questão sobre a mimética em Platão, especificamente no diálogo o sofista, foi retirada de um famoso artigo de uma das maiores autoridades em Platão que temos no Brasil, a filósofa Maura Iglésias, professora da PUC Rio de Janeiro. O artigo reflete sua acurada interpretação do conteúdo do diálogo em questão, que associa o suposto do saber do sofista como a mimética, ou seja, à imitação, que no contexto do diálogo,</p>	INDEFERIDO	-

		<p>onde há uma analogia com os pintores, é explicitamente uma comparação com à produção de imagens.</p> <p>Sendo assim, a opção correta é “à produção de imagens”, sendo às demais, ideias opostas que versam sobre a relação que Platão teoriza em relação às ideias e as coisas (opções “à semelhança da ideia” e “à participação da ideia”), ou articula questões sobre a diferença entre opinião e conhecimento, e à um suposto saber enciclopédico, que por sua vez, também não se referenciam à ideia platônica sobre a arte dos sofistas.</p> <p>“A conclusão que se segue é que o saber total de que se gaba o sofista só pode ser um saber aparente. E essa produção de aparências de saber, Platão compara à ‘mimética’, isto é, à produção de imagens.” (IGLÉSIAS. M. A relação entre sensível e inteligível: methexis ou mimesis? In: Estudos Platônicos: Sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem. Edições Loyola. São Paulo, 2009, p. 91-112. – p. 107).</p>		
36	A fortuna	<p>A virtude do príncipe, ou daquele que está no comando de governo, deve acompanhar não as leis, mas a fortuna. A virtude do príncipe se faz no tempo apropriado, <i>Kairos</i>, em que a sua ação é exigida de acordo com os acontecimentos do destino, bons ou ruins. Se o objetivo do príncipe, segundo a obra de Maquiavel, é a manutenção do poder de acordo com a virtude e a fortuna, não se torna cabível o respeito e a prudência no seguimento às leis se a fortuna porventura coloca o principado em risco. Dessa forma, assim como escreve Maquiavel, o príncipe virtuoso e feliz é aquele que navega o seu principado de acordo com a fortuna, sorte, ou destino:</p> <p>“Deveis saber, assim, que dois modos há de combater: um pelas leis; outro, pela força. O primeiro é natural do homem; o segundo, dos animais. Todavia, como em muitas ocasiões o primeiro não é suficiente, mister se faz recorrer ao segundo. O príncipe, contudo, deve saber empregar adequadamente o animal e o homem” (MAQUIAVEL, N. <i>O príncipe</i>. In: Coleção Os Pensadores; São Paulo, Editora Nova Cultura, 1999, p. 109)</p> <p>“Por esse motivo, um príncipe prudente não deve manter a palavra dada quando isto lhe é nocivo e quando aquilo que a determinou não mais exista. Fossem os homens todos bons, esse preceito seria mau. Mas, uma vez que são pérfidos e que não a manteriam a teu respeito, também não te vejas obrigado a cumpri-la para com eles. Nunca, aos príncipes, faltaram motivos para dissimular quebra da fé jurada.” (MAQUIAVEL, N. <i>O príncipe</i>. In: Coleção Os Pensadores; São Paulo, Editora Nova Cultura, 1999, p. 110)</p>	INDEFERIDO	-

		<p>“Concluo, assim, que, mudando-se a sorte, e conservando os homens, obstinadamente, o seu modo de proceder, são felizes enquanto esse modo de proceder e as características da época estiverem de acordo. Caso não estejam, tornam-se infelizes. Estou certo que é melhor ser impetuoso que prudente, porque a fortuna é mulher, e, para ter-lhe o domínio, mister se faz bater nela e contrariá-la” (MAQUIAVEL, N. <i>O príncipe</i>. In: Coleção Os Pensadores; São Paulo, Editora Nova Cultura, 1999, p. 146)</p>		
37	Ídolos do Foro	<p>Á limitação subjetiva para a obtenção de uma ciência que progrida, Bacon na obra <i>Novum Organum</i>, denomina de ídolos. Dos quatro denominados por ele na referida obra, um se refere à questão da linguagem, à precária definição que os homens têm dos sentidos das palavras que, por conseguinte, leva a uma deficiente comunicação e, no nível da ciência e da filosofia, a uma ineficiência objetiva. A essa precariedade de definição Bacon denomina de ídolos do Foro, ou fórum, ou seja, comunicação que acontece no fórum, que por deficitária, embaralha o correto entendimento.</p> <p>No texto usado na questão torna-se clara a referência ao termo palavra que possui o sentido correlato ao termo linguagem. Coloco aqui o recorte completo do texto usado na questão que se estende até a definição do ídolo do foro:</p> <p>“Os ídolos do foro são de todo os mais perturbadores: insinuam-se no intelecto graças ao pacto de palavras e de nomes. Os homens, com efeito, creem que a sua razão governa as palavras. Mas sucede também que as palavras volvem e refletem suas forças sobre o intelecto, o que torna a filosofia e as ciências sofísticas e inativas. As palavras, tomando quase sempre o sentido que lhes inculca o vulgo, seguem a linha de divisão das coisas que são mais potentes ao intelecto vulgar” (BACON, F. <i>Novum Organum</i>. In: Coleção Os Pensadores; São Paulo, editora Nova Cultura, 1999. p. 46.)</p>	INDEFERIDO	-
39	A ideia mais forte é sempre inferior a impressão mais fraca	<p>Evidentemente que há uma gradação tando das ideias, ou pensamentos, quanto das impressões. Porém, o que está em jogo na questão é a relação e distinção entre as ideias e impressões. Sendo assim, a ideia mais forte, ou pensamento, é sempre inferior a impressão mais fraca, como afirma Hume no texto abaixo:</p> <p>“O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada. [...] Podemos, por conseguinte, dividir todas as percepções do espírito em duas classes ou espécies, que se distinguem por seus graus de força e de vivacidade. As menos fortes e menos vivas são geralmente denominadas <i>pensamentos</i> ou <i>ideias</i>. [...] Pelo termo <i>impressão</i>, entendo, pois, todas as nossas percepções mais vivas, quando ouvimos,</p>	INDEFERIDO	-

		<p>vemos, sentimos, amamos, odiamos, desejemos ou queremos. E as impressões diferenciam-se das ideias, que são as percepções menos vivas, das quais temos consciência, quando refletimos sobre quaisquer das sensações ou dos movimentos acima mencionados”(HUME, D. <i>Investigação acerca do entendimento humano</i>. In: Coleção Os pensadores; São Paulo, Editora Nova Cultura, 199. p. 36-37)</p>		
40	<p>A estética transcendental é o aparato cognitivo sensório que possibilita qualquer experiência humana.</p>	<p>Entende-se por aparato sensório cognitivo toda a capacidade humana de organização da experiência. Ainda que na estética transcendental prevaleça a sensibilidade esta não se faz compreensível sem a cognição dos mesmos dados da sensibilidade. Cognoscível não se faz aqui entendido por aquilo que Kant detalhará na Lógica transcendental como sendo as categorias do entendimento. Os conceitos puros e as categorias, serão tratados na Lógica transcendental, porém na Estética transcendental, ainda que se separe a sensibilidade e se dê a ela prioridade, faz-se aqui, por Kant um recurso metodológico, pois o aparato sensório cognitivo, é já na estética transcendental a organização – isso que chamamos de experiência – dos dados puros da sensibilidade.</p> <p>Ainda segundo o próprio Kant, sobre a metodologia e a divisão da sua obra: “Na estética transcendental <i>isolaremos</i> a sensibilidade separando tudo o que o entendimento pensa nela mediante seus conceitos, a fim de que não reste senão a intuição empírica. Em segundo lugar, desta última separaremos tudo o que pertence à sensação, a fim de que nada mais reste senão a intuição pura e mera forma dos elementos, a única coisa que a sensibilidade pode fornecer <i>a priori</i>. No decurso dessa investigação, ver-se-á que há duas formas puras de intuição sensível, como princípios do conhecimento <i>a priori</i>, a saber, espaço e tempo, com exames das quais nos ocuparemos agora” (KANT, I. <i>Crítica da razão pura</i>. In: Coleção Os pensadores; São Paulo; Editora Nova Cultura, 1999. p. 72)</p>	INDEFERIDO	-
43	<p>Cinema</p>	<p>A fotografia e o cinema, como bem observado pelo requerente, se destacam no que diz respeito ao declínio da aura. Porém, no enunciado da questão se pede além desse quesito “as suas possíveis novas funções”. Sendo assim, mantêm-se o cinema como arte destacada pois é sobre ela que Benjamin tece as suas considerações políticas e progressistas sobre a arte, para além da arte como valor de culto e arte pela arte, cumprindo assim as possíveis novas funções no seu uso pelas massas.</p> <p>Assim escreve Walter Benjamin no referido ensaio: “Assim, a apresentação cinematográfica da realidade é para o homem moderno infinitamente mais significativa, porque ela lhe oferece o que temos o direito de exigir da arte: um aspecto da realidade livre de qualquer manipulação pelos aparelhos, precisamente graças ao procedimento de penetrar, com os aparelhos no âmago da realidade. [...] A reprodutibilidade técnica da obra de arte modifica a relação da massa</p>	INDEFERIDO	-

		<i>com a arte. Retrógrada diante de Picasso, ela se torna progressista diante de Chaplin.</i> " (BENJAMIN, W. <i>A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica</i> . In: <i>Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura</i> . São Paulo: Brasiliense, 2012.p.202.		
45	As opiniões	<p>A luta da filosofia, como exposto no enunciado, confirma-se como sendo contra as opiniões, as ideias sem exame, habituais, que não passam pelo crivo do rigor da dúvida e da filosofia. Não se pode tomar a filosofia inimiga da ciência pois é ela própria, a filosofia, muitas das vezes que a fundamenta tal como observamos, principalmente, no início da filosofia moderna com Descartes e Bacon, por exemplo.</p> <p>Conforme o texto extraído da obra de Sílvio Gallo, confirma-se a luta da filosofia contra as opiniões: "Praticar filosofia, ensinar o exercício filosófico em nossos dias é, pois, uma segunda resistência: a resistência contra a opinião, que anuncia pôr ordem no mundo. O exercício filosófico é assim um exercício de desestabilização, de saída da falsa segurança na opinião e de mergulhar no caos do não pensamento para, pensando, produzir equilíbrios possíveis, sempre instáveis, sempre dinâmicos" (GALLO, S. <i>Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio</i>. Campinas: Papirus, 2012. p.25)</p>	INDEFERIDO	-